

Ernesto Rodrigues

ACTUALIDADE DE FERNANDO NAMORA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

ACTUALIDADE DE FERNANDO NAMORA

AUTOR

ERNESTO RODRIGUES

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-259-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

ACTUALIDADE DE FERNANDO NAMORA

Ernesto Rodrigues

Resumo

Este artigo visa descrever e analisar brevemente as obras de Fernando Namora (1937-1988).

Abstract

In this paper, *we aim to describe and analyse briefly the works of Fernando Namora (1937-1988).*

A obra de Fernando Namora, na diversa inspiração, multigenérica, politemática e de referências transnacionais, deixa entrever características que justificariam uma recepção crítica continuada. Não existe porquê, quando, na véspera da morte (1989), era o romancista mais citado?

Julga-se – mal – que faz a estreia com *As Sete Partidas do Mundo* (1938), romance de adolescência sucedendo, de facto, a novela emparceirando com outras de Artur Varela e Carlos d'Oliveira, sob o título *Cabeças de Barro* (1937). No intervalo, em Dezembro deste ano, imprime-se *Relevos*, com data de 1938, e faz dizer a João Gaspar Simões: «Prevejo ao autor de *Relevos* [...] um destino largo de poeta. O seu livro é um belo passo na misteriosa estrada da poesia.»

Seria curioso estudar, nesta época, os títulos anunciados ou na gaveta, dos quais emerge *Mar de Sargaços* (1940), de um reiterado presencismo (herança disseminada) tocado por inquietações do mundo exterior: «Operário que a manhã despertou no sono necessário, / [...] / todos a quem negaram o pão, / todos a quem negaram amor, / eu vos recebo, embora proscrito e maltrapilho como vós!» Terceiro título de versos, *Terra* inaugura a colecção do Novo Cancioneiro (10 vols., 1941-1944); em 24 partes lírico-narrativas, assomam personagens de nome próprio, e, aqui, começa um processo de *contaminação*: o «realismo lírico» de Namora faz vaivém entre verso e prosa, mas a crítica não vê isso. Esses três livros de poemas serão, revistos, reunidos a inéditos em *As Frias Madrugadas* (1959), com prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Maior soltura virá em *Marketing* (1969) e nas liberdades métricas e referenciais de *Nome para Uma Casa* (1984). Mas quem diz Namora um poeta? «Acho que sou mais eu na poesia. Há uma intimidade que permite outra subjectividade, cheia de infância e adolescência. [...] No caso da poesia está muito o ficcionista, como na prosa está o poeta. Muito da minha

poesia é ficcional. *Terra* tem personagens, tem uma situação. *Nome para Uma Casa* é um registo narrativo de situações da minha vida.» (*Tempo*, 3-III-1988)

Vai conquistar leitores, todavia, pela ficção. Inaugura a colecção Novos Prosadores da Coimbra Editora com *Fogo na Noite Escura* (1943) – observe-se, desde os títulos, a angustiosa marcação temporal –, que a Nota dos Editores, seja, do Autor, resume: «Meia dúzia de personagens apresentam-se como símbolos, vivem aqui os seus dramas, a sua mocidade atormentada pelos problemas do mundo moderno», em guerra, longe da saudosa vida coimbrã de repúblicas e praxes evocada por Trindade Coelho ou Branquinho da Fonseca. O salto, porém, dá-se com os ganhões alentejanos de *Casa da Malta*, com que entramos, segundo Álvaro Salema, no «ciclo rural, traduzindo uma violência directa com as populações desamparadas da Beira Baixa e do Alentejo, entre as quais trabalhou como médico, [...]. E é com *Casa da Malta* (1945), *Minas de San Francisco* (1946), *Retalhos da Vida de Um Médico* (1.ª série, 1949), *A Noite e a Madrugada* (1950) e *O Trigo e o Joio* (1954) que testemunha definitivamente o seu percurso no Neo-Realismo de intuítos sociais e interventores através da “panorâmica social mais caracterizável e mais urgente” do homem rústico. Já nesses livros se consagra uma personalidade original e uma qualidade peculiar de escritor, com o domínio dum estilo sóbrio e nítido, ainda que tocado (e com isso se enriquecendo) de ambiência poética e sensibilidade ante o humano.»

Se a «loucura do minério» em *Minas de San Francisco*, aliada à dureza da geografia e dos homens, não passa, para muitos, de documento, olhe-se, logo a abrir, às perseguidas tonalidades líricas, ao efeito de repetição e à comparação, alçando-se a (e) fusão em quiasmo: «Um homem vem subindo em direcção ao norte. Vem subindo no planalto crestado e nu, a ouvir o rumor do vento da noite. Distantes, maciços escuros de aldeolas; aldeolas de homens tisonados como ele, de cicatrizes em seus rostos e suas mãos.» Afirma-se a pertinência dos diálogos e uma propriedade vocabular que serão marca distintiva até às últimas páginas do Autor.

O húmus da experiência será fundamental, embebido de uma ternura mais evidente a partir de *Retalhos da Vida de Um Médico* (2.ª série, 1963). Quando se fala de autoficção, como esquecer esses onze retalhos? O primeiro, “História de um parto”, abre assim: «Estava médico em Monsanto há cerca de um mês, com os meus vinte e quatro anos medrosos.» Antes das 21 ‘biografias romanceadas’ de *Deuses e Demónios da Medicina* (1952), o médico retorna em *A Noite e a Madrugada* – contrabando raiano, luta de camponeses pelos baldios... –, e, simultaneamente, emerge um tema actualíssimo – a *doença*, plurissignificativa –, já abordado por Eugénio Lisboa.

Desde 1950 em Lisboa, a repercussão de *O Trigo e o Joio* afirma-o, e confirma uma «espécie de candura humanista, herdada em directa linha dos grandes frescos do século XIX, de Hugo a Tolstoi», além daquela picaresca dita de tradição espanhola ou aquiliniana, que Eduardo Lourenço, todavia, vê «Enraizada no seu mito pessoal da “vagabundagem”, da “errância”, no seu gosto pelo que da vida livre representariam

sempre para ele os párias, os campónios, os ciganos», à maneira do «utopismo realista e onírico da literatura americana da grande crise dos anos 40, aquela que nos deu *As Vinhas da Ira* e, sobretudo, *A Estrada do Tabaco*».

O ciclo citadino traz *O Homem Disfarçado* (1957) – o médico João Eduardo recusa as origens e pureza campesinas, incorporadas em amigo tuberculoso –, *Cidade Solitária* (1959), mais 11 *Retalhos...* (útil o pref. de Eduardo Lourenço na tradução francesa, 1974), *Domingo à Tarde* (1961) e seu sujeito da narração médico, *Os Clandestinos* (1972).

No prefácio à 7.^a ed. de *Cidade Solitária*, Eugénio Lisboa releva a técnica narrativa da ocultação em «inventário de lapsos, de falhas, de silêncios, de desconfianças, de segredos, de conjuras», após ter assinalado «uma vasta teia de solidões», ou «solitudes», termo que Namora usa na dedicatória que apôs no meu exemplar. A primeira das 13 narrativas, “Tinha chovido na véspera”, é disso exemplo; na relação entre homem e mulher, joga bem com “A fraude”, «uma perfeita obra-prima do conto de todos os tempos», segundo David Mourão-Ferreira. Saúdo, para *Os Clandestinos* – ou como, na evocação de um tempo nacional social e politicamente doente e passado traumático de homem de esquerda, o escultor Vasco Rocha toma consciência do presente –, o prefácio-balanço de José Manuel Mendes, que releva a multirrítmica da prosa, policromia estilística e arte do diálogo.

Outro ciclo vem na ‘crónica romanceada’ *Diálogo em Setembro* (1966) – em Setembro de 1965, personalidades e personagens (listadas no final) debatem, em Genebra, o futuro da Humanidade, face às modernas tecnologias –, na ‘narrativa’ nova iorquina *Cavalgada Cinzenta* (1977), na ‘narrativa literário-sociológica’ *Estamos no Vento* (1975), na ‘crónica’ *URSS mal Amada, bem Amada* (1986), após visita a Moscovo, em 1973, bem como na série de cinco ‘cadernos de um escritor’, até *Jornal sem Data* (1988): *Um Sino na Montanha* (1968): de Trás-os-Montes a terra alheia, considerações sobre o Neo-Realismo, Jaime Cortesão, Aquilino, etc.; *Os Adoradores do Sol* (1971), em duas partes: Escandinávia, Rússia; *A Nave de Pedra* (1975), seja, Monsanto, e o escritor quando jovem médico, “Terras, bichos e gentes”, evocações de Ferreira de Castro e Redol; *Sentados na Relva* (1986): Helsínquia, discursos, etc. Assoma o homem civil e confessa-se o escritor, sendo de juntar, a este bernal, *Encontros* (1979), antologia de entrevistas concedidas a nacionais e estrangeiros, e *Autobiografia* (1987).

A plena consecução dos percursos assinalados está em *Resposta a Matilde* (1980) e *O Rio Triste* (1982). Naquele, vislumbro síntese global da obra: nada é completamente inverosímil, nada é de todo irreal, afirmando-se, às vezes, biografismos do Autor, que torna *visíveis* os figurantes, cenários, percursos... A literatura faz-se «termo médio da realidade». O narrador, que sente a «mediocridade» da teia que vai construindo – extremada na gozosa *charge* ao discurso oficial em “O rio” –, visa colocar em segundo plano a anedota, preferindo que seja «a estória a contar o seu próprio fio» (p. 36). Mas

esta intransitividade não pode ser total, pois o narrador é, enquanto investidor de novas probabilidades, incapaz de se apagar, nisso cumpliciando os leitores – mesmo se estes não entendem a relação entre o pintor Luís Dourdil (1914-1989) e o mural de 48 m² do Café Império (mural de têmpera a gema de ovo, restaurado em 2014), ao fundo da Alameda, com que se explica o título “Dois ovos ao fim da tarde”.

O Rio Triste argumenta a busca do desaparecido Rodrigo, em 14-XI-1965, discursivamente apoiada em notícias, crónicas, reportagens de três matutinos e um vespertino lisboetas, o que é uma revolução polifónica (dirá David Mourão-Ferreira, 1985) na casa namoriana. O desânimo, no fim da vida, tirou-lhe as forças para seguir nesse «paraíso penoso» que era a escrita.

*(Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos para Seniores
no ciclo Literatura Portuguesa: Leituras do século XXI,
a 3 de Dezembro de 2014)*

Bibliografia

LISBOA, Eugénio, “A doença como realidade e metáfora na obra de Fernando Namora”, *Crónica dos Anos da Peste — I*. Lourenço Marques, 1973, p. 69-84.

LISBOA, Eugénio, prefácio a Fernando Namora, *Cidade Solitária*, 7.^a ed. Venda Nova, Bertrand, p. 14.

LOURENÇO, Eduardo, prefácio a Fernando Namora, *O Trigo e o Joio*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1988, p. XII, XI.

MENDES, José Manuel, prefácio a Fernando Namora, *Os Clandestinos*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.

LOURÃO-FERREIRA, David, prefácio a *O Rio Triste*, 8.^a ed. Venda Nova, Bertrand Editora, 1985, p. II.

SALEMA, Álvaro, “Fernando Gonçalves Namora”, *Dicionário de Literatura. Actualização*, 2. Porto, Figueirinhas, 2003, p. 557-558.

SIMÕES, João Gaspar, “*Relevos*”, *Diário de Lisboa – Suplemento Literário*. Lisboa, 20-I-1938, p. 4.